

A PERSPECTIVA DE MUSICOTERAPEUTAS SOBRE OS FENÔMENOS INTERATIVOS NO TRABALHO COM GRUPOS EM SAÚDE MENTAL

*THE PERSPECTIVE OF MUSIC THERAPISTS ON INTERACTIVE PHENOMENA IN
WORK WITH GROUPS IN MENTAL HEALTH*

*LA PERSPECTIVA DE LOS MUSICOTERAPEUTAS SOBRE LOS FENÓMENOS
INTERACTIVOS EN EL TRABAJO CON GRUPOS EN SALUD MENTAL*

Reinaldo Lafuza Junior¹ Sheila Beggiano²

Resumo - O processo musicoterapêutico está envolto em interações interpessoais manifestadas durante o atendimento e que podem ser vistas no fazer musical coletivo, nos diálogos, gestos, nas expressões corporais e por meio das experiências musicais. Este trabalho tem por objetivo investigar como musicoterapeutas compreendem as interações musicais, verbais e não verbais enquanto elementos do processo terapêutico para o alívio do sofrimento psíquico de pessoas atendidas em grupos, na área da Saúde Mental. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com musicoterapeutas que possuem experiência na área da Saúde Mental. As entrevistas foram transcritas e submetidas à Análise Temática de Braun e Clarke. A análise mostrou que as interações nos trabalhos de grupo em Saúde Mental possibilitam a construção de um ambiente seguro para a expressividade e protagonismo dos participantes em seu processo musicoterapêutico, capaz, também, de desenvolver laços sociais entre membros do grupo.

Palavras chave: transtornos mentais, musicoterapia, interação, comunicação, atenção psicossocial.

Abstract -The Music Therapy process is involved in interpersonal interactions manifested during the service and which can be seen in collective music making, in dialogues, gestures, in bodily expressions and through musical experiences. This research aims to investigate how music therapists understand musical, verbal and non-verbal interactions as elements of the therapeutic process to alleviate the psychological distress of patients assisted in groups, in the area of mental health. This is a qualitative and exploratory research. Data collection was performed using semi-structured characteristics with music therapists who have experience in the field of mental health. The interviews were transcribed and analyzed with the Braun and Clarke Thematic Analysis. The analysis showed that the interactions in Mental Health group work allow the construction of a safe environment for the expressivity and protagonism by participants in their music therapy process, capable, also, of developing social bonds among group members.

Keywords: mental disorders, music therapy, interaction, communication, psychosocial care

1Graduando do Curso de Bacharelado em musicoterapia da UNESPAR.

2 Orientadora. Musicoterapeuta pela UNESPAR. Mestre em Educação pela PUCPR. Doutoranda em Educação pela UFPR

Resumen -El proceso de la musicoterapia está envuelto en interacciones interpersonales que se manifiestan durante la consulta y que se pueden ver en el que hacer musical colectivo, en los diálogos, gestos, expresiones corporales y mediante experiencias musicales. Este trabajo tiene como objetivo investigar cómo musicoterapeutas entienden las interacciones musicales, verbales y no verbales como elementos del proceso terapéutico para el alivio del sufrimiento psíquico de las personas asistidas en grupos, en el área de Salud Mental. Se trata de una investigación cualitativa y exploratoria. La recolección de datos fue realizada mediante entrevistas semiestructuradas con musicoterapeutas que tienen experiencia en el campo de la Salud Mental. Las entrevistas fueron transcritas y sometidas al Análisis Temático de Braun y Clarke. El análisis mostró que las interacciones en el trabajo grupal en Salud Mental posibilitan la construcción de un ambiente seguro para que los participantes se expresen y protagonicen su proceso musicoterapéutico, además de la capacidad de crear vínculos sociales entre los miembros del grupo.

Palabras clave: trastornos mentales, musicoterapia, interacción, comunicación, atención psicosocial.

Introdução

Desfrutar uma refeição em conjunto, realizar compras no mercado ou participar de uma festa, são exemplos de como as relações interpessoais se estabelecem em nosso cotidiano, de forma intrínseca ou não, das maneiras simples às mais complexas. Sejam nas relações familiares, de trabalho ou amorosas, influenciadas por normas e cultura; os comportamentos e até maneiras de expressar afetividade são constituídos socialmente. Da mesma forma, são internalizados por cada pessoa de forma a ter papel ativo na formação do seu ser. “A pessoa é, em grande parte, resultado das relações interpessoais que estabeleceu durante sua vida” (Feldman & Miranda, 1983, p. 45).

A compreensão das habilidades interpessoais é essencial para a construção da relação de ajuda durante o processo terapêutico. Estão presentes na relação musicoterapeuta-participante e nas relações que fizeram e fazem parte de outros setores da vida do sujeito, como na convivência familiar, por exemplo. (Feldman & Miranda, 1983).

O campo da Saúde Mental é complexo, amplo e, atualmente, não se limita a uma única linha de conhecimento para desenvolver seus cuidados aos sujeitos, nem à única compreensão de que pessoa saudável é aquela desprovida de doença (Amarante, 2007).

No que diz respeito ao sofrimento psíquico, este artigo o compreende como as perturbações em um ou mais aspectos de âmbito biopsicossocial do sujeito. Estas podem ser: biológicas, subjetivas da relação intrapessoal da pessoa, das suas relações interpessoais (como as relações familiares, de trabalho, etc.) e de fatores econômicos, políticos, históricos e culturais (Gomes et al., 2018).

Ao longo da história da humanidade, o cuidado com a Saúde Mental progrediu com o surgimento e o desenvolvimento de profissões, disciplinas, ações e políticas públicas, que se direcionam e baseiam suas práticas no olhar humano sobre aqueles que sofrem. Os objetivos estão em proporcionar meios de buscar, recuperar e/ou manter o bem-estar mental, social e físico do sujeito; e de potencializar melhorias na relação intrapessoal e interpessoal, valorizando seus sentimentos, emoções, cultura e experiências de vida (Amarante, 2007; Benevides et al., 2010; Volpi & Arndt, 2012; Silva & Volpi, 2015). A Musicoterapia se apresenta como uma dessas profissões que vêm atuando e buscando contribuir no campo da Saúde Mental, para o alívio das tensões de pessoas em sofrimento psíquico.

A Musicoterapia em Saúde Mental porta “um olhar voltado para o sujeito, sua reintegração e ressocialização” (Volpi & Arndt, 2012, p. 29), com foco em suas perspectivas e possibilidades (Puchivailo & Holanda, 2014). A(O) musicoterapeuta auxilia a(o) participante a usar as variadas facetas das experiências musicais, e das relações que surgem delas, como meios para a transformação (Bruscia, 2016).

A realização das sessões em grupos na Saúde Mental permite intensificar as trocas interpessoais e o compartilhamento de experiências (Benevides et. al., 2010). As interações que ocorrem durante o processo terapêutico, junto das intervenções, fazem parte do arsenal que a(o) musicoterapeuta dispõe para facilitar o desenvolvimento de participantes (Barcellos, 2016).

Desde o acolhimento musicoterapêutico, as interações desfrutadas nas experiências musicais possibilitam a criação de laços afetivos entre os sujeitos que integram o grupo. Os meios verbais e não verbais de interação também são agentes de desenvolvimento de vínculos e de criação do espaço seguro, que cultiva o respeito às individualidades no decorrer do processo grupal. Elementos desta temática aparecem direta ou indiretamente em artigos e relatos de casos, contudo ainda não foi encontrada uma publicação científica que tratasse exclusivamente das interações musicais, verbais e não verbais, a partir da perspectiva musicoterapêutica no campo da Saúde Mental. A existência dessa lacuna tornou possível a realização desta pesquisa.

Revisão de literatura

A ótica da Saúde Mental, que direciona suas ações para a construção de cidadania, de autoestima e de interação da pessoa com a sociedade, é reflexo da Reforma Psiquiátrica Brasileira, consolidada pela Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, inspirada pela Reforma Psiquiátrica Italiana e pelas ideias de Franco Basaglia (Benevides et al., 2010; Puchivailo; Silva; Holanda, 2013). As diretrizes destas reformas contestaram as instituições psiquiátricas asilares, que baseavam seus tratamentos no isolamento social e no tratamento unicamente medicamentoso, sem fornecer outras possibilidades de cuidado à pessoa em sofrimento psíquico (Cardoso & Cunha, 2011).

A Reforma Psiquiátrica, no Brasil, surgiu com um novo modelo de pensar a psiquiatria e propostas de “novas abordagens terapêuticas que vislumbrassem a dimensão psicossocial do sofrimento e que levassem em consideração a subjetividade

humana e a inclusão social, por meio da cidadania e da autonomia” (Benevides et al., 2010, p. 128).

Os Centros de Atenção Psicossociais oferecidos pelo SUS, foram criados e idealizados conforme as mudanças propostas na Reforma Psiquiátrica. Equipes multiprofissionais habitam estes centros com intuito de fornecer atenção interdisciplinar às pessoas em sofrimento psíquico e/ou pessoas ligadas à dependência química (Brasil, 2015). A fertilidade de uma rede multiprofissional se dá pela pluralidade de saberes e perspectivas disponibilizados aos usuários dos serviços, pois é uma forma, segundo Inojosa (2002, p. 58), de “reunir parceiros independentes, livremente articulados, trazendo para a formulação de planos, programas e ações, as suas diferentes visões, opiniões, interesses e riquezas.”

O presente estudo considera a importância da perspectiva interdisciplinar, mas tem seu foco voltado exclusivamente ao núcleo da Musicoterapia na área da Saúde Mental, nos trabalhos em grupo e seus aspectos interativos.

Interação é influenciar e influenciar-se em um movimento de causa e efeito que sempre existe nas relações interpessoais (Bruscia, 2016; Feldman & Miranda, 1983). A Musicoterapia essencialmente envolve interação entre musicoterapeuta e participante, e entre participantes (em atendimentos grupais). As experiências musicais são essenciais facilitadoras de interações no processo musicoterapêutico, capazes de promover relações na interação musical, verbal e não verbal (Bruscia, 2016).

Quando a Musicoterapia é destinada a um grupo de participantes, o espaço terapêutico é compreendido como um espaço musical em que a comunicação floresce “mediada pelo fazer sonoro, por gestos e movimentos corporais, por trocas não verbais intrínsecas à produção sonora de cada grupo”, sem que as individualidades de cada participante sejam desconsideradas nestas experiências coletivas (Cunha, 2019, p.19). Nessa perspectiva, o grupo musicoterapêutico

se torna um espaço expressivo democrático e horizontalizado que permite variadas formas de experimentar o mundo, de construir uma realidade diferente da vivida no cotidiano. Ele se constitui em um ambiente onde o compartilhamento se torna possível na troca de sentidos musicais pessoais e coletivos que, advindos da cultura, de experiências sociais prévias, marcam cada participante com suas histórias e cada grupo com uma sonoridade própria. (Cunha, 2019, p. 19).

Na Musicoterapia, a interação musical viabiliza interagir com a(o) participante por meio da música, com a finalidade do desenvolvimento da(o) mesma(o). É possível se relacionar com a(o) participante por meio de sons vocais, corporais, instrumentos musicais, da letra de canções, de melodias, harmonia e ritmos. Ressalta-se que estas formas de utilizar a música são pensadas conforme as necessidades da(o) participante, com a finalidade de alcançar os objetivos terapêuticos (Barcellos, 2016).

A assinatura da(o) musicoterapeuta é sua capacidade de transitar entre o musical e o verbal e, além disso, ir ao encontro de outras formas de comunicação não verbal, que podem refletir nas(os) participantes nos níveis intra e interpessoal (Bruscia, 2016). Isso se deve ao fato de que

a música pode fornecer meios não verbais de autoexpressão e comunicação, ou pode servir de ponte conectando canais verbais e não-verbais de comunicação. Quando usada não-verbalmente, [a música] pode suprir a necessidade de palavras e assim fornecer uma forma segura e aceitável de expressar conflitos e sentimentos que de outra forma são difíceis de se expressar. Quando ambos os canais verbais e não-verbais são empregados, a música serve para intensificar, elaborar ou estimular a comunicação verbal, enquanto esta serve para definir, consolidar e esclarecer a [experiência musical]. (Bruscia, 1987a, citado por Bruscia, 2016, p.90).

A interação não verbal está em toda interação interpessoal, portanto são de suma importância nas sessões de musicoterapia. Seja por gestos, expressões corporais, faciais e flexões de voz, o corpo está a todo o momento transmitindo informações que completam a conversação e aumentam sua eficácia (Mantovani & Ribeiro, 2018). O corpo se comunica com maior espontaneidade em comparação à fala e

nada mais é do que o maior meio de comunicação que temos. Por meio dele podemos expressar inúmeras informações: o choro, para expressar aborrecimento, tristeza e alegria; o sorriso, para manifestar alegria; o beijo e o abraço, para transmitir afeto; as doenças, que sinalizam que algum fator externo atingiu nosso interno. (Weil e Tompakow, 2012, citado por Mantovani & Ribeiro, 2018, p. 2).

Ao associar o potencial do corpo de comunicar o “não dito” com o fazer musical, esta pesquisa caminha para o entendimento de que o corpo, como colocam

Pinho e Trench (2012), é um instrumento musical inato ao ser humano que, muitas vezes, pode passar despercebido, mas que possui capacidade não somente de se expressar, como de fazer isso musicalmente. “O corpo fala, o corpo dança, o corpo canta, o corpo soa.” (p. 32).

Metodologia

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter exploratório e buscou investigar, por meio de entrevistas e revisão de literatura, como as(os) musicoterapeutas compreendem as interações verbais, não verbais e musicais, enquanto recursos terapêuticos para o alívio do sofrimento psíquico em grupos de Musicoterapia na Saúde Mental. A escolha de realizar a pesquisa com a abordagem qualitativa deriva da possibilidade de compreender a perspectiva das(os) participantes, sobre como elas/eles percebem subjetivamente sua realidade, suas experiências, percepções e pontos de vista (Sampieri et al., 2013). Quanto ao caráter exploratório, a escolha se deu por possibilitar

maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (Gil, 2002, p. 41).

A seleção das(os) participantes se deu por conveniência e foram incluídas(os) musicoterapeutas com graduação e/ou pós-graduação em Musicoterapia, com tempo mínimo de três anos de atuação com grupos na área da Saúde Mental e que aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Não foram considerados estudantes em processo de formação no curso de Musicoterapia e musicoterapeutas que não possuem o tempo mínimo de três anos de atuação com grupos na área de Saúde Mental. O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNESPAR, com número CAAE 36460720.7.0000.9247.

Para acesso às(aos) participantes das entrevistas, o contato inicial foi realizado com a Associação de Musicoterapia do Paraná (AMT-PR) e com a Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro (AMT-RJ). Estas duas entidades aceitaram colaborar com a pesquisa, ajudando na identificação de musicoterapeutas que se

enquadravam no perfil requerido. O contato com musicoterapeutas foi feito por e-mail, convidando-as(os) a participar da entrevista.

As entrevistas, que ocorreram individualmente, foram realizadas durante o mês de outubro de 2020, depois transcritas e submetidas à análise. Considerando o período de isolamento social em tempos de pandemia do coronavírus, as entrevistas aconteceram de forma virtual, por meio da plataforma de videoconferência *Zoom Meeting's*.

Para a análise dos dados, optou-se pela Análise Temática de Braun e Clarke (2006), que envolve a busca de dados em uma série de entrevistas, grupos focais ou material bibliográfico, visando identificar, analisar e relatar padrões (temas) incorporados aos dados. Esta proposta envolve seis etapas para sua realização, descritas na Tabela 1.

| ESTÁGIOS | DESCRIÇÃO DO PROJETO |
|-------------------------------------|--|
| 1º Familiarizando-se com seus dados | Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais. |
| 2º Gerando códigos iniciais | Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática, em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código. |
| 3º Buscando por temas | Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial. |
| 4º Revisando temas | Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados, gerando um "mapa" temático da análise. |
| 5º Definindo e nomeando temas | Nova análise para refinar as especificidades de cada tema e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema. |
| 6º Produzindo relatório | A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise. |

Tabela 1 - Fases da Análise Temática. Fonte: Adaptado de Braun e Clarke (2006) por Souza (2019).

Resultados e discussões

Foram realizadas entrevistas individuais com quatro musicoterapeutas que, neste artigo, apresentam-se por nomes fictícios para preservar suas identidades, sendo: Maria, Sérgio, Milena e Raissa. Todas(os) as(os) entrevistadas(os) tiveram parte de suas experiências no campo da Saúde Mental, em centros de atenção psicossocial. Milena

iniciou sua atuação na ala psiquiátrica de um hospital da cidade em que morava, antes de trabalhar no CAPS. Maria, antes de atuar no campo da Saúde Mental propriamente dito, atuava na área da Assistência Social. Sérgio e Raissa construíram suas bagagens com trabalhos de grupo, nos CAPS. Todas(o) as(os) entrevistadas(os) estão vinculadas(os) a uma associação de Musicoterapia (AMT-PR ou AMTRJ).

No decorrer das etapas da Análise Temática foram gerados, a partir dos padrões encontrados nas narrativas das(os) colaboradoras(es), três temas: Musicoterapia em Saúde Mental, Interação e Grupo. Da mesma forma, também foram gerados subtemas, como mostra o mapa temático (Figura 1). Estes temas marcam experiências, opiniões, percepções e outras informações narradas nas entrevistas, com o objetivo de aprofundar a investigação acerca das interações que permeiam os atendimentos nos grupos de Saúde Mental (da relevância que possuem, como acontecem, as especificidades do atendimento musicoterapêutico e suas possibilidades).

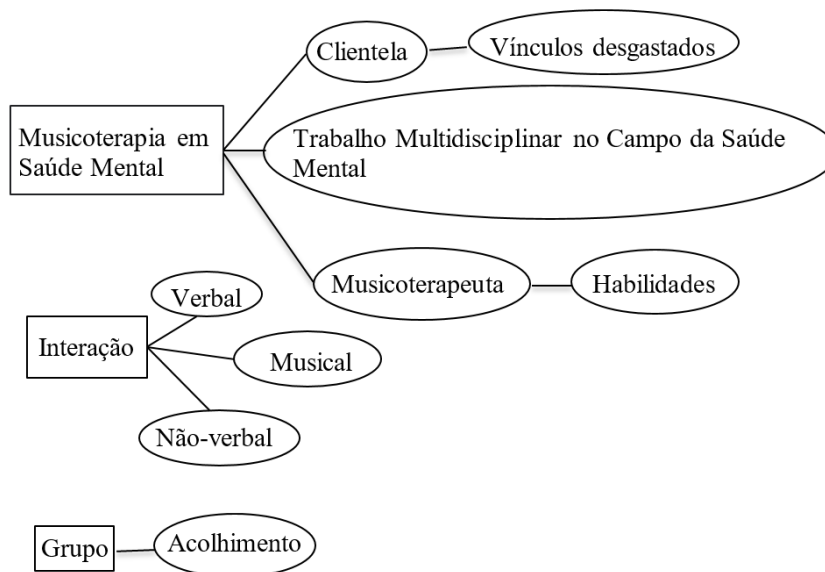


Figura 1 – Mapa Temático

Fonte: Os autores (2021)

O tema “Musicoterapia em Saúde Mental” surge como o contextualizador dos campos que envolvem esta pesquisa, sendo eles a Saúde Mental, a Musicoterapia e musicoterapeuta. Nas entrevistas realizadas com as(os) musicoterapeutas emergiram, de forma recorrente, características que envolvem o tema: trabalhos realizados,

perspectivas pessoais, o que caracteriza a(o) usuária(o) do serviço de Saúde Mental e o que caracteriza a(o) musicoterapeuta da área. Foram encontrados como subtemas: a clientela e suas características; o trabalho multidisciplinar realizado nas instituições; o papel da(o) musicoterapeuta e as habilidades que este profissional deve possuir enquanto atende e realiza as intervenções.

Uma característica comum às(aos) entrevistadas(os) é que todas(os) trabalham ou trabalharam em um Centro de Atenção Psicossocial. Suas narrativas, em diversos momentos, convergem e se completam, proporcionando uma ampla compreensão sobre o trabalho realizado nestes centros. No que diz respeito às(aos) participantes (clientela), os trabalhos de grupo, igualmente ofertados como “oficinas” nos CAPS, existem como uma estratégia de oferecer um espaço relacional seguro àqueles que estão em sofrimento psíquico, cujos laços sociais e familiares se encontram desgastados, descontraídos quanto a uma interação fluída. Estas, podem ser possibilitadas nas experiências coletivas dos grupos em Saúde Mental, sendo a Musicoterapia uma potencializadora destas relações em parceria com a rede multiprofissional de cuidado psicossocial.

O cuidado se baseia no princípio de que a existência de participantes em sofrimento psíquico se expande para além do que é mostrado no diagnóstico psicopatológico: as(os) participantes devem ser olhados em sua integralidade como seres humanos que precisam de um acolhimento seguro, de orientação e de pessoas que compreendam seu sofrimento e ajude-as(os) a lidar com seus recursos e limites (Lima e Amaral, 2011). Raissa, durante a entrevista³, diz que:

O CAPS pressupõe (que) alguém que não está conseguindo se relacionar bem na vida, está com muitas questões, com os vínculos muito desgastados [...]. Não é só psicose geralmente, mas toda a questão da relação com a comunidade, com a família. Então, estar com outro é essencial na clínica da psicose de casos graves, como são os (casos) do CAPS e a musicoterapia é um dos meios para conseguir que seja possível estar com outro, está na presença de um outro, de escutar. (Raissa, na entrevista concedida ao pesquisador, em 24/10/2020).

A preocupação com a restituição de laços sociais faz parte do trabalho musicoterapêutico na Saúde Mental. Se encontra no discurso das(os) entrevistadas(os) e condiz com os objetivos da Reforma Psiquiátrica, “que entende que o sujeito deve

³Foi adotado o destaque em itálico quando da fala de participantes, para diferenciar das citações de autoras(es).

participar de um processo que o auxilie no resgate de si e em suas relações interpessoais durante um momento de sofrimento intenso” (Volpi & Arndt, 2012, p. 29). *“A principal questão com a interação é você poder fortalecer [...] laços. [...] uma das coisas que mais afeta essa clientela, é a ruptura com os laços sociais de uma forma geral”* (Maria, na entrevista concedida ao pesquisador, em 30/10/2020).

A atuação da(o) musicoterapeuta nos grupos de atenção psicossocial requer princípios e habilidades que o profissional deve ter para que a terapia aconteça efetivamente. O respeito pela expressividade é um elemento essencial: a(o) musicoterapeuta precisa fornecer espaço para a expressão de sentimentos e de ideias, proporcionar momentos de protagonismo (ao investigar o que o grupo quer para si, por exemplo), propiciar vivências em que os participantes possam se perceber e, ainda, perceber o outro por meio das experiências musicais coletivas. A(O) musicoterapeuta tem o compromisso de “entender o conjunto de mensagens e conduzir as informações obtidas para o desenvolvimento do processo grupal” (Cunha, 2019, p. 20). Deve compreender a realidade grupal a sua frente para planejar sua prática (Cunha, 2019).

No que tange a realidade do cuidado à pessoa em sofrimento psíquico, a(o) musicoterapeuta respeita as peculiaridades da(o) participante, com vias de aceitação e legitimação de suas características pelos meios que a Musicoterapia dispõe. Aguiar (2002, p. 49) afirma que “legitimar o outro é algo que vai muito além do discurso, passa por toda a nossa dimensão não verbal de interação. Expressa-se no olhar, na atitude do corpo (...) Manifesta-se no dito e no não dito”. Nesse entendimento, o grupo, mesmo sem possuir a ótica terapêutica, também desempenha este papel de legitimação quando as(os) participantes cultivam o respeito, o acolhimento dos diversos gostos musicais, as diferentes histórias de vida e os diferentes jeitos de ser a despontar no espaço musical. É mencionado por uma das entrevistadas, que o espaço musicoterapêutico pode ser o lugar onde *“não há tanto problema se o discurso está tão desorganizado, se o comportamento está desorganizado, porque isso pode ser traduzido musicalmente e ser autorizado e legitimado ali, como também uma forma possível daquela existência se arquitetar naquele momento.”*(Milena, na entrevista concedida ao pesquisador, em 21/10/2020).

O tema “Interação” abrange as formas de interagir que acontecem durante atendimentos de grupo na Musicoterapia em Saúde Mental, que são parte principal dos objetos de estudo desta pesquisa. Uma parcela das perguntas realizadas nas entrevistas

se destinou a investigar justamente como as(os) entrevistadas(os) percebem os fenômenos interativos nos atendimentos, o que percebem e que relevância possuem para o processo musicoterapêutico grupal. Na discussão deste trabalho, expomos trechos de transcrições das entrevistas, pois acreditamos ser uma das formas mais palpáveis de se transmitir a essência da coleta de dados, além de propor que as vozes das pessoas que contribuíram com este artigo sejam ouvidas, mesmo que anonimamente. Nas narrativas dessas pessoas, as três principais formas de interação destacadas foram a interação musical, mediada pelo fazer musical coletivo; a interação verbal, que acontece na forma da conversa, do diálogo e das narrativas que os participantes fazem e que permeiam parte das sessões grupais; e a interação não verbal (corporal).

A interação não verbal em sessões musicoterapêuticas na Saúde Mental foi objeto de investigação desta pesquisa, emergindo das contribuições das(os) entrevistadas(os) de diversas formas: associadas ao fazer musical enquanto uma forma de interagir não verbalmente, como uma prática corporal capaz de mediar relações sem necessidade (obrigatoriedade) da verbalização.

A liberdade propiciada à(ao) participante no modo de se relacionar, de se expressar, de produzir música coletivamente, de ser agente (participante) do próprio tratamento, só é possível quando a(o) musicoterapeuta, juntamente com o grupo, consegue criar um território terapêutico que permita isso.

O espaço musicoterapêutico abriga não só o corpo do grupo, mas os afetos que o envolvem e, por essa razão, criar este lugar “é de suma importância para concretização do trabalho terapêutico, assim como o investimento na constituição de um grupo aberto a acolher o ‘pior e melhor’ de cada um” (Volpi & Arndt, 2012, p. 34). Um exemplo trazido da atuação de Milena pode ajudar a ilustrar a particularidade do espaço musicoterapêutico, que autoriza e viabiliza formas de pertencer ao grupo, respeitando a individualidade de cada um. Milena conta o caso de um participante psicótico que

se recusava a entrar nos atendimentos com outros profissionais. Ele não conversava [...] mesmo no atendimento individual. Ele simplesmente não falava nada. Ele ia até o CAPS, se sentava, esperava o tempo dele passar todinho e ia embora. Sem interagir, sem conversar, sem entrar, mas eu nunca deixei de convidá-lo para o grupo de musicoterapia e um dia ele viu a porta aberta e viu um atabaque. Ele resolveu entrar, e a partir daquele dia, ele se tornou o percussionista oficial daquele grupo porque ele mandava muito bem, assim, ele ia direto para o atabaque e ele interagia de uma forma brilhante. Eu não lembro de ter escutado a voz dele, Reinaldo, para ser sincera, já faz bastante tempo.

Talvez a gente tenha trocado uma palavra ou outra e eu que não me lembro, mas me lembro dele tocando absurdamente, assim, no ritmo das canções que eram solicitadas, [...], interagindo de uma forma que ele não escrevia a partir do verbal. Eu me lembro das reuniões técnicas em que as pessoas que diziam (que) se não fosse a musicoterapia, a gente não conseguiria pensar possibilidades de acesso a essa pessoa. Então neste sentido que eu te digo que é um alargamento das possibilidades desses sujeitos de existirem. (Milena, na entrevista concedida ao pesquisador, em 21/10/2020).

No que se refere ao olhar da(o) musicoterapeuta sobre os movimentos do grupo, a compreensão das demandas pode ser retirada da forma como estão ocorrendo as interações no “aqui e agora”. É como a(o) musicoterapeuta escuta e elabora sua intervenção de acordo com o que é necessário aos sujeitos em sofrimento psíquico. A escuta da(o) musicoterapeuta é uma prática que envolve intencionalidade e percepção, que implica em captar o “dito e o não dito” dos sujeitos em suas expressões (Pinho & Trench, 2012).

Maria, Milena, Raissa e Sérgio relataram exemplos de suas práticas, que contam como as experiências musicais em Musicoterapia no campo da Saúde Mental ajudaram a criar e fornecer espaço relacional capaz de atender as necessidades de grupos, enquanto acolhe as individualidades de seus membros.

O fazer musical coletivo expande as formas de se relacionar na mesma medida em que existem meios condutores para isso dentro de um grupo, como: os diferentes repertórios que precisam ser respeitados e acolhidos; instrumentos musicais com suas variedades de formatos e timbres; o arsenal de experiências musicais que o musicoterapeuta pode proporcionar, ou que o grupo pode pedir. A forma como o grupo se relaciona musicalmente é um meio de leitura que o musicoterapeuta deve dispor em sua prática, quando se está com pessoas em sofrimento psíquico, conforme compartilha Sérgio quando diz que

interação é a questão essencial, né?! Quer dizer, os pacientes, eles tocam, eles cantam, eles dançam, eles vão se colocar na música na medida da possibilidade deles. Então, através dessas interações que se dão na música, que o musicoterapeuta vai realizando a leitura de como eles estão, que demandas aqueles pacientes estão tendo naquele momento, que tipos de intervenções podem ser feitas. (Sérgio, na entrevista concedida ao pesquisador, em 21/10/2020).

A interação verbal pode acontecer na forma de narrativas das(os) participantes, como quando relatam um acontecimento de sua história, de lembranças, quando expressam o que sentem e pensam. A interação acontece na solicitação de canções, na intervenção da(o) musicoterapeuta, na produção de sentidos entre as experiências musicais e nas decisões que o grupo toma para o atendimento. Esta pesquisa respeita as divergências que podem existir entre linhas teóricas, capazes de compreender a interação verbal na Musicoterapia com outros vieses, contudo os relatos trazidos pelas(os) entrevistadas(os) apontam que a palavra e a música são aliadas em suas práticas, valorizando os conteúdos que podem emergir das experiências musicais.

A experiência musical constrói relações de todos os tipos, capazes de integrar mente, corpo e espírito, conectar pessoas e ancorá-las em suas sociedades e culturas (Bruscia, 2016). O lugar da produção verbal não desvaloriza o espaço da produção musical no grupo musicoterapêutico e assim como não substitui as múltiplas facetas da experiência musical.

Eu valorizo o lugar da produção verbal no setting musicoterapêutico. Eu não temo esse lugar. Eu acho que nosso lugar de musicoterapeuta não é abalado quando a gente valoriza e escuta o que vem nas narrativas, seja no texto da canção, seja na construção de sentidos que é dado para experiência. (Milena, na entrevista concedida ao pesquisador, em 21/10/2020).

Esta pesquisa sempre teve, desde sua concepção, o propósito de investigar a respeito das interações não verbais em grupos de Musicoterapia na Saúde Mental. Logo, na elaboração das perguntas, uma parte delas foi destinada apenas a buscar compreensão desta forma de interagir, quais sejam: “Como você percebe a interação não verbal nas sessões de grupo na Saúde Mental? Tem algum exemplo que possa compartilhar? Qual sua importância?”

As respostas encontradas convergem para o entendimento de que o fazer musical é uma forma potente de interação não verbal em Musicoterapia, em que se abre um leque de possibilidades de participação no “aqui e agora” das(os) participantes em seus grupos. A interação pela “linguagem musical torna possível construir novas vias de acesso ao corpo, às emoções, aos sentimentos, à criatividade” (Pinho & Trench, 2012, p. 40). Milena apresenta sua compreensão a respeito, ao fazer a seguinte afirmativa: “*eu vou entender a experiência musical como sendo uma experiência necessariamente*

corporal e esse corpo é um corpo prenhe de afetos, de afecções, de efeitos". (Milena, na entrevista concedida ao pesquisador, em 21/10/2020).

A resposta de Maria sobre a mesma questão da entrevista mostra a compreensão de que as interações acontecem interligadas, que durante a atuação o musical, o verbal e o não verbal não só podem, mas comumente emergem juntos. Maria diz: *"Eu acho que uma coisa está interligada à outra, são interdependentes, mas por exemplo: o fazer musical é uma super interação não verbal e é pelo fazer musical que eu ia fazendo o trabalho de amadurecimento e coesão."*(Maria, na entrevista concedida ao pesquisador, em 30/10/2020).

Ao usar do termo "coesão grupal", Maria frutifica a ideia de que o fazer musical coletivo se desenvolve. O grupo passa a buscar por padrões estéticos musicais coletivamente e a controlar as características da música de acordo com seus desejos. *"O grupo tinha uma coesão muito boa (sabe), o grupo se percebia, o grupo conseguia "se sacar" e isso começa musicalmente falando, porque eles começam a buscar dentro do fazer musical, [...] o que eles chamavam de harmonia."* (Maria, na entrevista concedida

O tema "Grupo" estuda a forma como as(os) participantes de um grupo se tratam e como essas relações afetam o processo musicoterapêutico na Saúde Mental. O subtema foi elencado de acordo com as reincidências nas falas das(os) entrevistadas(os), apresentado aqui como "acolhimento".

O grupo musicoterapêutico cuida para que as individualidades sejam contempladas e respeitadas na convivência coletiva (Cunha, 2019, p. 19). O subtema "acolhimento" foi muito associado, nas entrevistas, à ideia de que as(os) participantes se aceitem em suas diferenças e familiaridades. Diz respeito a como o grupo se trata e se recebe. Na Musicoterapia, o acolhimento tem a possibilidade de efetuar-se não só verbalmente e pelos gestos corporais (como contato visual e entoação de voz, por exemplo), mas musicalmente. Tanto nas experiências musicais mediadas pela(o) musicoterapeuta, como na partilha de manifestações entre participantes, como mostra o exemplo apontado por Sérgio, no seguinte trecho:

Se dá dessa maneira: eles vão cantando, vão cantando. Aí quem souber a música canta junto, que é um elemento importante para o paciente se sentir compartilhando, dividindo essas emoções. É um aspecto fundamental, também, para ele se sentir acolhido nessa manifestação musical, na medida em que

outros participantes também dividem essa manifestação com ele. (Sergio, na entrevista concedida ao pesquisador, em 21/10/2020).

Para que este exemplo ocorresse e pudesse estar escrito aqui, foi necessário que a musicoterapeuta, naquele dia, convidasse o rapaz do violão para a roda. O rapaz, por sua vez, participou pelas vias musicais e se expressou ali. Sua expressão foi acolhida por outro participante do grupo, também musicalmente. O acolhimento foi realizado pelo segundo rapaz se identificando na própria semântica da letra da canção. Aliás, só se é percebido que isso é um acolhimento quando você compreende, em algum nível, o que se manifesta na primeira música (recriada pelo rapaz do violão). Neste exemplo, é possível identificar (imaginar) as sucessões de ações e reações que permearam o interagir (Feldman & Miranda, 1983) e que oportunizaram a conexão entre os dois participantes e como ela refletiu sinergicamente em todo o grupo musicoterapêutico, em seu coro.

A conectividade é um objetivo comum na Musicoterapia, pois tocam o sujeito em seus aspectos intrapessoal e interpessoal de existência. Da mesma forma, os tornam meios para que o sujeito encontre e restaure pedaços de seu mundo, de sua vida e de si mesmo (Bruscia, 2016).

Considerações finais

A escrita deste artigo cria aproximações com temas comuns que circundam a prática da(o) musicoterapeuta no campo da Saúde Mental. As entrevistas, a análise temática e a revisão de literatura investigaram como são percebidas as interações que emergem durante as sessões de grupo, numa perspectiva das(os) próprias(os) musicoterapeutas. O tema “interação” permeia toda a prática destes profissionais e, talvez por isso, permitiu que fosse criada uma reunião de especificidades do processo grupal musical no campo.

Os dados encontrados na pesquisa apontam para a compreensão de que a Musicoterapia se coloca no campo da Saúde Mental com proposta de criar um espaço capaz de abranger a(o) participante em sua totalidade: seus gostos, desejos, sua história, suas potencialidades e limites.

Mediante os processos interativos emergidos das experiências musicais coletivas, aparecem as características auto-expressivas específicas da Musicoterapia,

com possibilidades de ampliar os potenciais comunicativos e mobilizar aspectos biológicos, psicológicos e sociais da vida de participantes.

Ao lidar com uma clientela que muitas vezes tem os laços afetivos comprometidos, a(o) musicoterapeuta cria, na modalidade de atendimento grupal, um espaço relacional criativo e expressivo. É um espaço criativo por natureza, pois as variadas faces da experiência musical coletiva possibilitam formas de participação que consideram as individualidades dos participantes, propondo a música como um meio possível de interagir com o outro além da própria verbalização; de acolher o outro em sua integralidade e de ser aceito pelo outro em sua completude.

É importante ressaltar que esta pesquisa se pautou, prioritariamente, nos padrões do que era comum nas narrativas das(os) entrevistadas(os). Logo, ainda existem perspectivas e vivências entre as(os) mesmas(os) que são diferentes e/ou que tiveram baixas reincidências, mas que podem se mostrar importantes para um estudo visando profundidade sobre a Musicoterapia na Saúde Mental, e que podem vir a ser exploradas futuramente.

Referências

- Aguiar, José Romão (2002). Considerações Éticas. In: SUS (São Paulo). Secretaria Municipal de Saúde. *Acolhimento: O pensar, o fazer, o viver*. São Paulo: Associação Palas Athena. p. 45-53.
- Barcellos, Lia Rejane Mendes (2016). *Quaternos de Musicoterapia e Coda*. BARCELONA PUBLISHERS.
- Boni, Valdete; Quaresma, Sílvia Jurema (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, v. 2, ed. 1 (3), p. 68-80.
- Benevides, Daisyanne Soares; Pinto, Antonio Germane Alves; Cavalcante, Cinthia Mendonça; Jorge, Maria Salete Bessa (2010). Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 14, p. 127-138.
- Braun, Virgínia and Clarke, Victoria. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101. ISSN 1478-0887 Texto traduzido

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. *Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- Bruscia, Kenneth (2016). *Definindo Musicoterapia*. BARCELONA PUBLISHERS, 2016.
- Cardoso, Leonardo Nascimento; Cunha, Rosemyriam Ribeiro (2011). Trocas afetivas e Psicossociais em Musicoterapia: grupos no centro de atenção psicossocial álcool e drogas. *Revista InCantare*, Curitiba, v. 2, p. 74-94.
- Cunha, Rosemyriam (2019). Reflexões sobre a prática da musicoterapia em grupo. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XXI, ed. 26, p. 08-27.
- Elias, Claudia de Souza Rodrigues; Silva, Leandro Andrade da; Martins, Mirian Teresa de Sá Leitão; Ramos, Neide Ana Pereira; Souza, Maria das Graças Gazel de; Hipólito, Rodrigo Leite (2012). Quando chega o fim?: Uma Revisão Narrativa sobre Terminalidade do período Escolar para alunos deficientes mentais. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* São Paulo, p. 48-53. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/49594/53669>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- Feldman, Clara; Miranda, Márcio Lúcio (1983). *Construindo a Relação de Ajuda*. Minas Gerais - Belo Horizonte: Editora Crescer, v. 2.
- Gil, Antonio Carlos (2002). Como classificar as pesquisas: Pesquisas exploratórias. In: GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. [S. l.]: Atlas S.A. cap. 4, p. 41-42. ISBN 85-224-3169-8.
- Gomes, Claudia; Araújo, CrislaineLuisa; Comonian, Julia Oliveira (2018). Sofrimento psíquico na Universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador*, v. 7, ed. 2, p. 255-266, 16 jul.
- Inojosa, Rose Marie (2002). O acolhimento em rede. In: SUS (São Paulo). Secretaria Municipal de Saúde. *Acolhimento: O pensar, o fazer, o viver*. São Paulo: Associação Palas Athena, p. 58-65.
- Lima, Aline Pereira de (2018). A afetividade como ferramenta nas práticas de saúde mental. 2018. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Saúde da Família, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção-CE.
- Mantovani, Marcelo Silva; Ribeiro, Maria Celina (2018). A Influência da comunicação não verbal na Comunicação Humana. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 16, n. 2.

- Pinho, Mariana Carvalho; Trench, Belkis Vinhas (2012). Encontros Sonoros: o corpo e a voz num processo musicoterapêutico grupal. *Revista InCantare*, Curitiba, v. 3, p. 30-41.
- Puchivailo, Mariana; Holanda, Adriano Furtado (2014). A História Da Musicoterapia na Psiquiatria e na Saúde Mental: dos usos terapêuticos da música à Musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XVI, n. 16, p. 122-142.
- Puchivailo, Mariana Cardoso; Silva, Guilherme Bertassoni; Holanda, Adriano Furtado (2013). A reforma na saúde mental no Brasil e suas vinculações com o pensamento fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, [s. l.], v. 19, ed. 2, p. 230-239.
- Sampieri, Roberto Hernandez; Collado, Carlos Fernández; Lucio, Mariadel Pilar Baptista (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5a ed. Porto Alegre: Penso.
- Silva, Luciana Lançarim; Volpi, Sheila Beggiato (2015). Ressonâncias do trabalho musicoterapêutico em grupo no contexto da saúde mental: mergulhando no universo da loucura. *Revista InCantare*, Curitiba, v. 06, ed. 02, p. 149-171.
- Souza, Luciana Karine (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro.
- Volpi, Sheila; Arndt, Andressa (2012). A canção e a construção de sentido em musicoterapia: História de mulheres em sofrimento psíquico. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, ano XIV, n. 12, p. 27-38.